

# A GRANDE DAMA: MEDIAÇÃO TEATRAL E AÇÃO CULTURAL EM CAPIVARI

*Data de submissão: 06/09/2023*

*Data de aceite: 01/12/2023*

### **Vivian Cristina Vieira Ui**

Atriz, Arte Educadora e Ativista Cultural, Diretora e Fundadora da Cia Ui de Teatro, Pesquisadora no campo da Mediação Teatral e Ação Cultural, Licenciada em Educação Artística com habilitação em Teatro pelo Instituto de Artes da UNESP, Atriz formada pelo Teatro Escola Célia Helena, Aluna de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Eventos pelo CELACC – USP orientada pelo Prof. Doutor Dennis de Oliveira, Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – Teatro e Educação pela ECA-USP, Bolsista de iniciação científica pela CAPES/PROEX, sob a orientação da Prof. Doutora Suzana Schmidt Viganó Universidade de São Paulo Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas. São Paulo - SP <https://lattes.cnpq.br/8706200638633127>

**RESUMO:** O trabalho recai sobre a análise do processo cênico entre a comunidade do Batuque de Umbigada de Capivari e a Cia Ui de Teatro, formada por jovens atores capivarianos, e como esta troca pode aprofundar ações culturais e políticas de reconhecimento e distribuição em busca

de uma maior conexão da sociedade civil com sua cultura local. Capivari é terra da mestra popular Anicide de Toledo, primeira voz feminina do Batuque de Umbigada de Capivari. Cria composições que contam a resistência ancestral de seu povo. Apesar da força dessa manifestação cultural e mesmo que haja movimentos de resistência pelas comunidades e coletivos da cidade, o referido patrimônio imaterial ainda encontra dificuldade nas relações com os órgãos públicos oficiais, uma vez que esses se esquivam em apoiar e/ou oferecer políticas públicas efetivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Batuque de Umbigada. Cia Ui de Teatro. Cultura Popular. Ação Cultural.

### **THE GREAT LADY: THEATER MEDIATION AND CULTURAL ACTION IN CAPIVARI**

**ABSTRACT:** The work focuses on the analysis of a scenic process between the community of Batuque de Umbigada de Capivari and a theater company formed by young Capivarian actors, and how this exchange can deepen cultural and political actions of recognition and distribution in search of a greater connection of civil

society with its local culture. Capivari is home to popular teacher Anicide de Toledo, the first female voice of Batuque de Umbigada de Capivari. He creates compositions that tell the ancestral resistance of his people. Despite the strength of this cultural manifestation and even though there are resistance movements by communities and collectives in the city, said intangible heritage still encounters difficulties in relations with official public bodies, since they shy away from supporting and/or offering effective public policies.

**KEYWORDS:** Batuque de Umbigada. Cia Ui de Teatro. Popular culture. Cultural action.

## INTRODUÇÃO:

### Gente de Quem<sup>1</sup>? Eu moro em Capivari<sup>2</sup>.

O Batuque de Umbigada<sup>3</sup> é uma manifestação cultural de origem Bantu<sup>4</sup> (CAMPOLIM, 2019), presente no Oeste Paulista. Capivari é terra da mestra popular Anicide de Toledo<sup>5</sup>, primeira voz feminina do Batuque de Umbigada de Capivari que cria composições que contam a resistência ancestral de seu povo. Anicide é uma ativista dentro de sua cultura, tendo sido a primeira a quebrar a barreira de que o canto era um privilégio dos homens dentro do Batuque, esse estilo sonoro e de convivência próprios desse lugar, dessa região (Capivari, Tietê e Piracicaba) carrega ancestralidade e caminhos de resistência a partir da oralidade dos mestres. O trabalho recai sobre a análise do processo para elaboração da biografia cênica de Anicide de Toledo, desenvolvida pela Cia Ui de Teatro<sup>6</sup> (formada por jovens atores capivarianos) junto à comunidade do Batuque de Capivari; e como esta pode aprofundar ações culturais em busca de uma maior conexão da sociedade civil com sua cultura local. Teixeira Coelho (1997) abarca a importância dos processos no campo de pesquisa da ação cultural. Esse projeto também quer evidenciar a necessidade de fazer Anicide ser vista, não apenas sob o aspecto de presença (que se sabe não ser eterna), mas como símbolo identitário, e como reflexo do território cultural. Reverenciada fora da cidade, ela ainda passa despercebida sem conseguir atingir sua grandeza dentro de seu próprio território. Dentre as motivações que embasam essa pesquisa e justificam sua importância está à construção dessa relação artística mais aprofundada, que fortalece os vínculos pela aproximação da comunidade com uma realidade cultural ainda invisibilizada. É através

---

1 Expressão popular caipira, ainda usada de forma frequente em Capivari. Para que as pessoas saibam sua origem e a qual família pertence.

2 Cidade do interior do oeste paulista, com cerca de 60 mil habitantes, o município de Capivari está situado às margens do Rio Capivari, distando em linha reta da capital paulista, 108 km. A economia da cidade se baseia na agricultura (principalmente da Cana-de Açúcar) e em empresas que se instalam no município. Capivari, do Tupi-Guarani: Rio das Capivaras. O nome foi dado pelo fato de existirem muitas capivaras às margens do rio onde o povoado se formou. É uma cidade com herança quilombola, onde o Batuque ainda se manifesta, assim como em Tietê e Piracicaba. É conhecida como Terra dos Poetas, e também, por ser a Terra da famosa pintora Tarsila do Amaral (1886-1973).

3 O Batuque de Umbigada é uma manifestação cultural negra de dança, ritmo e canto, trazida pelos povos Bantu.

4 Os Bantus ou bantos formam um grupo étnico africano que habitam a região da África ao sul do Deserto do Saara. A maioria dos mais de 300 subgrupos étnicos é formada por agricultores, que vivem também da pesca e da caça.

5 Mestra do Batuque de Umbigada, conhecida como a primeira voz feminina e Grande Dama do Batuque. Patrimônio imaterial do Estado de São Paulo. Faleceu no dia 06 de julho de 2023 em Capivari.

6 A Cia Ui de Teatro é uma Cia livre independente e de resistência de Teatro de Capivari, que estuda e desenvolve espetáculos e projetos de mediação e ação cultural sobre a o cotidiano social e político e a cultura de território de Capivari.

da oralidade da mestra e a possibilidade de troca entre jovens artistas de resistência da mesma cidade que se potencializa o lugar de representatividade dos mesmos. A pesquisa revela tentativas de fortalecimento e ampliação da transmissão de uma herança cultural a partir de uma mediação teatral. Averiguamos como esse tipo de proposta pode criar importantes vínculos no campo da cultura, ampliando o pertencimento desses indivíduos e comunidades em relação a sua identidade cultural. Nosso objetivo principal é analisar como a mediação teatral pode servir como instrumento para uma ação cultural contínua; evidenciando a imagem da primeira voz feminina do Batuque. Utilizamos a pesquisa-ação de Michel Thiollent (2019) com análises qualitativas, dialogando com a oralidade e memória ancestral de Anicide de Toledo, relacionada ao conceito de Escrivência de Conceição Evaristo (1994).

Buscamos problematizar a questão da mediação cultural, propondo diálogos com autores como Stuart Hall (2001 / 2005) e Nestor Garcia Canclini (2019), os quais puderam nos apoiar na discussão sobre as relações culturais-identitárias, e os impasses provocados pelo aspecto coronelista no âmbito da produção artística e das ações culturais locais. Tentando elucidar essas questões, traremos para as análises abordagens no âmbito das políticas públicas culturais de Capivari, a partir das ideias de Nancy Fraser (2020) sobre políticas de redistribuição e reconhecimento. Essa pesquisa discutiu os achados à luz das teorias de Muniz Sodré (2019) e suas reflexões sobre racismo estrutural.

### **Precisa acabar racismo, dentro de Capivari!**

Segundo Bueno, Troncarelli e Dias (2015), as modas de Anicide são crônicas do cotidiano da comunidade, crítica de costumes, gritos contra a repressão aos negros, e apontam relações de poder e mando que acabam por atingir o âmbito político sociocultural. Esse sistema de comportamento é marca de muitas cidades do interior paulista e geram embates entre as comunidades e minorias (cujas manifestações culturais são de cunho popular e de resistência) com a gestão pública local. Essas relações coronelistas indicam uma aproximação com outro problema, o do racismo citados nas modas de dona Anicide. É como ouvimos em seu hino maior: “moro em Capivari, gosto muito da minha terra [...] precisa acabar racismo, dentro de Capivari” (Bueno, Troncarelli e Dias, 2015). A ex-gari, traz viva na memória da pele cada cicatriz da alma e é no improviso que exprime suas dores em suas modas. Ressaltamos a divisão da praça central que existia em um tempo não tão distante, onde um portão determinava qual lado era dos brancos e até onde os negros podiam. Em seu depoimento para o livro —Batuque de Umbigada – Tietê, Piracicaba e Capivari – SP, Anicide retrata o que passou e sentiu:

[...] Cantei porque a gente sente na pele, a gente sofre muita humilhação por causa da cor, eu senti quando estava no serviço... Eles me tratavam diferente por causa da cor da pele, a gente tinha que trabalhar que nem um condenado... As brancas, que não faziam nada, tinham mais valor, eram

tratadas tudo lá em cima. Eu sentia tudo aquilo ali e cantei. Componho modas para manifestar meu sentimento. (TOLEDO apud BUENO, TRONCARELLI e DIAS, 2015, pg. 173).

Segundo Sodré (2019) a escravidão se manifesta de forma intrínseca na formação social brasileira. E mesmo com a abolição jurídica e politicamente declarada, não fomos capazes de abolirmos os espíritos escravocratas. Aponta que o que foi abolido foi o racismo de segregação, mas ele alerta para o de dominação.

[...] O de dominação é esse que se faz por sutilezas. Na segregação colocava-se o negro na senzala, no lugar dele à base da força, da porrada, à base do pau. O de dominação não. Continua-se botando em outro lugar, mas por meio de julgamentos, julgamentos negativos, escalonamento diferenciado no mercado de trabalho. Esse é o racismo de dominação que a abolição não acabou, que continua na forma escrava. É a lógica do você lá e eu aqui. (SODRÉ, 2019, p.879).

Anicide canta dentro de uma de suas modas que aborda o racismo em sua cidade:

Se Luís Gama fosse vivo, ele chorava com muita razão [...] Tem nêgo que ainda chora liberdade, tem nêgo na cidade que ainda chora escravidão. (TOLEDO, Anicide).

Isso mostra o quanto à mestra esta atenta aos acontecimentos em relação aos movimentos sociais e políticos dentro de seu território. Dentro de nosso processo pudemos refletir sobre o potencial intelectual, social e político presente nas modas. Campolim (2009) aponta que as tradições, principalmente as de cultura negra, sempre necessitaram criar políticas internas de resistência, para firmarem sua existência e que recorrentemente colocam-se a mercê da política dominante para fazê-lo. Sodré (2005) afirma que essas manifestações faziam parte da população dominada e excluída pela sociedade e que precisavam conviver com as relações de dominação do poder estabelecido, dentro de exigências de obediência e submissão, além de terem a necessidade de prestarem conta dentro das regras dos modelos dominantes para um caminho de integração e ascensão na sociedade globalizada. Toda originalidade dessas comunidades, precisavam sempre caminhar dentro da ambiguidade desses poderes e vias paralelas para conseguirem de alguma forma reverberar, sempre na ótica da adequação.

Problematizando a pesquisa em torno das relações de valorização do poder público municipal<sup>7</sup> com o referido patrimônio, entendemos que, a oralidade de dona Anicide, passa a ser à base do projeto uma vez que estão ali contidos os conhecimentos necessários para a fundamentação do —resgate de território. Entendemos que o resgate cultural busca preservar e perpetuar manifestações culturais. De acordo com Milton Santos (2002, p. 61) —a cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. Pois, a cultura é resultado do processo de viver, das relações sociais, assim como a territorialidade é resultado do processo de ocupação do espaço, das relações estabelecidas entre o homem e o seu

<sup>7</sup> Prefeitura Municipal de Capivari.

meio. Partimos do pressuposto de que a imagem de Anicide de Toledo, sempre recebeu uma maior valorização fora do município, mais do que em sua própria terra, apesar da resistência do Batuque de Umbigada em Capivari, com ações para manter e passar as tradições dentro do território. Justifica-se buscar entender por quais motivos à comarca tem um histórico de abafamento de sua cultura local, seja do Batuque tradicional ou dos coletivos contemporâneos voltados a um trabalho popular e de pesquisas com abordagens políticas e sociais.

## **Cultura e Identidade: Entender o passado cultural para seguir no futuro.**

Ao abordar as relações entre o ancestral e o novo Canclini (2019) afirma que as tradições se reconectam em um tempo que ainda não foi e outro que não terminou de se firmar. Ele ressalta que devemos ficar atentos aos papéis dos agentes sociais envolvidos na construção dos produtos culturais, que categoriza como: cultos, populares e de massa, esses tipos de produção cultural, travam embates na luta pelo mercado ao mesmo tempo, que lutam para distinguir sua obra. Ele trata das questões de poder colonial e suas perspectivas negativas diante das manifestações populares, colocando-as em lugar de excentricidade pejorativa. Buscaremos de forma breve abordar essas relações, trazendo as questões de identidade ao encontro do problema entre passado e presente.

O estudo abarca os vínculos entre a memória ancestral cultural da cidade e sua sociedade civil, onde a compreensão de que todos os envolvidos nessas manifestações são fundamentais dentro dos processos como agentes de cultura territorial:

A ação cultural é antes uma aposta [...] O processo ou os meios, neste caso, importam mais que os fins, e o agente cultural, bem como a política cultural por ele representada e deve aceitar correr estes riscos. O próprio agente cultural, de resto, submete-se ao processo por ele mesmo desencadeado, sofrendo ele também a ação cultural resultante (COELHO, 1997, p.33).

Compreendemos também, a importância do conceito de identidade (HALL, 2003), para nosso recorte sobre a produção da mestra Anicide de Toledo. Para observar como essa relação do olhar para o futuro recorrendo ao passado fortifica sua resistência ao tornar esses indivíduos ligados a seu passado cultural tendo a consciência desperta para suas tradições, como cita Stuart Hall (2003):

Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. [...] Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p.44.).

Abordamos à perspectiva de (HALL, 2003) a partir do conceito de identidade, também quando ele afirma que esta não é algo fixo. Ela é um processo de produção

simbólica e discursiva que vai sendo mobilizado em determinados momentos para imprimir uma ideia até se reportar ao que se é. Outro aspecto importante de ser mencionado é nossa preocupação dentro das questões da cultura popular e a identidade dentro do território. Segundo Stuart Hall (2003) ao longo das transições do capitalismo agrário para o industrial, existiu uma luta vagarosa relacionada à cultura e classe dos trabalhadores pobres. E alerta que este ocorrido deveria ser o alicerce para estudos sobre as transições dentro das culturas populares. As mudanças dentro das relações harmônicas e de força social aconteciam primordialmente, através dos entraves em torno da cultura e tradições das classes populares. Pela tradição popular ser um dos principais locais de resistência, dentro da tentativa de reforma da classe trabalhadora:

O capital tinha interesse nas relações culturais das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo. E a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscada. (HALL, 2003, P.248).

Desta forma, a cultura popular, tem sido há tanto tempo, alvo de embate dentro de um sistema que percebe ser essa um forte campo de resistência causando sua marginalização e invisibilidade.

### **Num tem rei num tem coroa: Relação do Órgão Público com o patrimônio.**

Segundo Tâmara Pacheco (2017) o Batuque dentro do campo político, torna-se um campo de luta, comandado por mulheres pretas ao lado de homens pretos contra o preconceito, racismo e também, o próprio capitalismo, mesmo que sem uma consciência clara sobre sua potência nem estratégias organizadas do movimento. O problema se encontra na assimilação e reconhecimento apropriado da tradição pela sociedade. Neste aspecto podemos dialogar com Nancy Fraser (2002) quando aborda sobre a problematização da justiça social no mundo globalizado. Aponta que essas injustiças se dividem em dois grupos: políticas de redistribuição e políticas de reconhecimento. As políticas de distribuição segundo a autora permeiam o âmbito da distribuição dos bens materiais e recursos, enquanto a política de reconhecimento tenta conciliar diferenças em busca de um mundo mais respeitoso. Ela ainda adverte que a luta pelo reconhecimento não irá necessariamente contribuir para uma luta de redistribuição, e uma grande ameaça para a justiça social, seria as consequências de uma transição de redistribuição para o reconhecimento apenas. Para que haja justiça exige-se que as duas políticas caminhem juntas.

Enfatiza que somente compreendendo a política de reconhecimento é que se poderá pensar sem julgamento em uma política de redistribuição para determinada classe e comunidade. Dentro deste aspecto ela traz o sentido de que o que se requer

conhecimento é a identidade cultural de um determinado grupo e quando não acontece um reconhecimento apropriado se firma a depreciação desta identidade pela cultura dominante. O reconhecimento passa a estar ligado à óptica da questão de status. A subordinação social exige uma política de reconhecimento e não necessariamente uma de identidade e se voltarmos à relação de que para haver justiça social precisaríamos pensar em estratégias para combiná-las, a autora defende o ponto de vista de que os aspectos emancipatórios das duas frentes precisam se integrar em uma única e abrangente estruturação, onde a cultura caminhe junto à economia (FRASER, 2002).

A rejeição desse falso reconhecimento é de extrema importância que seja detectada pelos membros desses grupos, não apenas, com um propósito de estar ciente, é necessário um posicionamento, para que os próprios membros desse grupo criem ações para o fortalecimento efetivo dessas bases, se ancorando em políticas que cobrem dessas instituições o real reconhecimento e redistribuição. Dentro dos coletivos de resistência artística é comum do órgão público oferecer políticas ocas que ao observar profundamente, percebe-se que desqualificam a potência desses grupos e manifestações culturais, os colocando em locais onde facilmente se tornam alvo e até mesmo responsáveis por estratégias de reconhecimento não estruturadas, promovendo o separatismo dentro da própria comunidade.

Dialogando com as relações do poder público capivariano junto ao patrimônio imaterial (Anicide de Toledo), ao batuque de umbigada e os novos coletivos artísticos de margem, no caso de nossa pesquisa A Cia Ui de Teatro, entendemos que o coletivo de jovens atores, identificou uma similaridade, nessa relação de órgão/ artistas de culturas populares e/ou de resistência. Tanto o Batuque quanto eles, sofrem dentro dos aspectos de políticas públicas de redistribuição e principalmente de reconhecimento. Entre 2017 e 2018 passavam por questões de falta de valorização do trabalho, falta de espaço, e entraves políticos. Em alguns momentos até constatavam algum tipo de colaboração do órgão, que não se firmavam em longo prazo e nem sustentavam as demandas, dos grupos mais marginalizados culturalmente. O batuque sofria com a escassez de seu corpo batuqueiro, e a companhia de teatro havia acabado de ser retirada de seu local de ensaio pela prefeitura municipal. Dentro dessa análise, constataram que a aliança seria de extrema importância para o fortalecimento de ambos.

### **Além da Identidade: O reconhecimento apropriado como modelo de Status.**

Esses indivíduos inapropriadamente reconhecidos “são impedidos de participarem como iguais na vida social” (Fraser, 2002, p.10). Uma das articulações recorrentes em Capivari que aborda essa subordinação é quando o órgão abre vagas de cargos comissionados para desestabilizar grupos de oposição e angariar votos. Selecionando determinados representantes antes de oposição que recuam das alianças estabelecidas.

Muitas vezes sem ter essa consciência ou sem conseguir sair dela, por esta, fazer parte do sistema dessas políticas coronelistas de reconhecimento inapropriados. Ela ainda enfatiza:

Reparar tal injustiça exige uma política de reconhecimento, mas isso não significa uma política de identidade. [...] na visão do status significa uma política que vise superar a subordinação através do estabelecimento da parte não reconhecida como membro pleno da sociedade, capaz de participar em condições de igualdade com os demais membros. (Fraser, 2002, p.10).

Por isso a importância de analisar como é feita a aplicação deste tipo de modelo de status em determinado território, estando atento em como são os padrões institucionalizados de valores culturais, para constatar seus efeitos sobre as posições dos atores sociais. É preciso constituir padrões onde essas comunidades sejam capazes, como iguais de participarem em mesmas condições com os outros na vida social, só assim poderemos constatar um status igualitário e reconhecimento recíproco. Quando esses valores colocam pessoas, coletivos, culturas como inferiores, os excluem, boicotam e os tiram de curso, para torná-los invisíveis, ou apenas parceiros em momentos apropriados para o sistema, concluímos de fato a subordinação de status e o reconhecimento inapropriado. FRASER (2000). Portanto dentro do modelo de status, o reconhecimento inapropriado, não se trata de uma relação psíquica, mas sim, institucionalizada de subordinação social, não reverberando como discursos independentes no âmbito cultural.

## **Todo Tempo não é um: O Batuque de Capivari e a Cia Ui de Teatro**

Este processo trata do encontro entre um coletivo popular e tradicional de Capivari com um grupo de teatro da mesma cidade, para a realização de um espetáculo<sup>8</sup> teatral que fala sobre a vida e obra de Anicide de Toledo. Os dois coletivos são formados por uma maioria negra, mulheres e outros grupos excluídos como a comunidade LGBTQIAP+11. O Batuque já consagrado como legado ancestral, composto pelas famílias tradicionais batuqueiras, e pela figura imponente da mestra popular Anicide de Toledo o outro coletivo é formado por jovens atores Capivarianos, que trazem uma pesquisa teatral junto à cultura de território de Capivari, como o caipirismo, as heranças quilombolas, as heranças da cana, açúcar e café e relatos cotidianos do forte do racismo e coronelismo presentes na cidade. Os dois de certa forma traçam uma comum característica, que é a de apontar o preconceito enraizado na cidade e suas relações de mandonismo, e luta contra as minorias e grupos oprimidos, o que diretamente afeta as relações do poder público junto a esses grupos de resistência. Uma das primeiras reflexões sobre a comunidade batuqueira, é que ela possui uma forma muito particular de expressão, e por muitas vezes é necessário ouvir e recuar, para que a fruição dentro da troca aconteça, eles possuem desconfianças, por medo da

8 No atual momento o espetáculo é objeto de estudo da pesquisa de mestrado da pesquisadora, denominada: A Grande Dama – Mediação Teatral e Ação Cultural em Capivari, buscando reverberar essa mediação que trouxe aos participantes importantes trocas junto à memória ancestral de seu território e a oportunidade de estarem tão próximos a uma manifestação cultural tão rica. Se apresentou no festival Satyrnianas em São Paulo no ano de 2018 e foi premiada na LAB Capivari em 2021.

apropriação de sua cultura e isso, também se reflete como forma de sobrevivência.

Dialogando com SODRÉ (2005), que aponta que a cultura negra e popular não se propaga nem se constitui pelo mesmo caminho que a cultura dita dominante:

A umbigada assim como a cultura negra no geral é circular. Não segue e foge do sentido linear dos moldes de pensamento dominante: “Nenhum discurso psicanalítico ou aparentado à metafísica pode dar conta da “verdade” do ritual negro (por melhor que seja a consciência dos psicólogos, dos antropólogos, dos sociólogos etc.), simplesmente porque neles não existem conteúdos latentes ou recalçados, não há nenhum ser, nenhuma palavra definitiva por trás” (SODRÉ,2005: p.111).

Desta forma, entendemos a necessidade de darmos protagonismo dentro de nossa pesquisa às vozes e saberes da mestra e da comunidade, conduzindo conosco os processos. Devemos levar em consideração o cuidado e respeito durante o percurso, o coletivo que se aliou ao Batuque para o desenvolvimento dessa proposta compreende esta cultura como um aprimoramento de sua identidade artística e tem o propósito de angariar corpo as lutas e embates presentes no território, como afirma Campolim (2009) em sua pesquisa sobre o Batuque em Capivari: para ter a aproximação é necessário se mostrar respeitoso; ele ainda enfatiza que, segundo Sodré (2005), depois de todo processo de acúmulo de capital feito pelo Ocidente, e a liquidez quase que total dos grupos humanos originários, a ciência está empenhada na “salva o” desses grupos.

Essa salva o muda de forma de acordo com as estratégias e as tradi es acad micas dos grandes centros mundiais de ciência: os norte-americanos enviam seus lingüistas e antropólogos para codificar e estocar em redes de informa o as línguas e os costumes das tribos americanas em extin o: os europeus ficaram com o continente africano, cujas culturas tentam classificar e decifrar. (SODRÉ, 2005, p.112).

Compreendemos desta maneira, que não temos o posto de “salvadores” perante a comunidade do Batuque. Ali estamos para analisar suas razões e trajetória, a despeito de executar cultura dentro de um mesmo território, e compreender, de fato, que existe a necessidade de reverência aos mestres (principalmente de Dona Anicide).   preciso ter um olhar atento e livre de qualquer domínio sobre sua cultura, e enquanto pesquisadores, conhecermos como este grupo lida com as institui es e como esta rela o interfere na produ o cultural.   preciso entender qual nosso lugar como aliados de luta e como, através do teatro poderemos dar voz ao legado de nosso patrimônio.

### **Quem anda na beira do mar,   sinh  sereia: no compasso da mestra.**

O trajeto para este trabalho coloca a voz de Anicide como guia do processo. Construímos a dramaturgia dialogando com o conceito de Escrivência de Concei o Evaristo (1994), que traz de forma latente as questões de poder e mando, colocando os personagens e atores negros como principais na história. Ela afirma que poucos são os

brancos em suas obras e estes são sempre quase invisíveis sempre representados nos espaços de poder e colocados como, a voz, o mando, a carta da prefeitura. O foco da construção dos personagens é a partir deste pensamento:

[...] Pode-se concluir que a construção de personagens brancas em meus textos é sempre representativa de alguma forma de poder. Estão no local de mando. Historicamente, é essa a nossa realidade, e a ficção, de certa forma, também não retira esse personagem desse lugar construído e permanente ao longo da História. [...] Sou tentada a dizer que os personagens negros, são moldados sob um olhar que os define dentro de uma ou outra característica, tal como estas: preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais [...] As culturas africanas e afro-brasileiras são exotizadas ou folclorizadas. Dificilmente se encontra a construção de uma personagem. A Escrivência e seus subtextos negra que represente a potência do ser humano com toda a sua dignidade. (EVARISTO, 2020, p. 27-29).

Desta forma, o olhar de Anicide perante os acontecimentos de sua vida foram colocados na dramaturgia. Assim como os relatos sobre racismo e relações junto ao poder público municipal, muito mencionados pela mestra em sua fala. Todos os personagens protagonistas eram negros e os brancos posicionados como as figuram que detém o poder. O teatro é a linguagem de mediação que escolhemos para este processo por acreditar ser ele um instrumento eficaz de transformação do ser humano e na construção da autonomia do indivíduo e por sua característica de coletividade, tão presentes nas manifestações da cultura popular e afrodiaspóricas. O diário de bordo foi utilizado para transcrição dessas narrativas e gravações da oralidade de Anicide de Toledo e as etapas da pesquisa ação seguem as sugeridas por Michel Thiollent (1997).

Durante a realização das entrevistas na pesquisa de campo, a pesquisadora criou forte vínculo com a mestra, o que pode trazer ao processo cênico uma riqueza em detalhes de sua trajetória:

Eu cantava na roça, todo lugar que eu ia eu cantava. Alegrou tudo mundo... tudo mundo gostava. Cantava modinha de carnaval. Ô tempo bom! Essa era uma felicidade, é uma felicidade que eu tenho no coração. A maior tristeza foi que eu perdi duas fia, eu nunca falo muito disso, mas eu queria que vocês contassem. Fala que elas chamavam Ofélia e Fátima. Fala o nome delas. (Relato verbal de Anicide de Toledo<sup>9</sup>).

A compreensão de que a mestra por muitas vezes não responde uma questão na oralidade, mas logo depois a coloca em suas modas, exigindo máxima atenção para as metáforas, olhares, gestos e seu silêncio, foi absorvida durante o processo.

Fiz essa mesma trajetória por muitas vezes, acredito que ao longo de meses, conversei com a tia no portão de sua casa ao lado de fora. Eu nunca tive coragem de pedir pra entrar. Percebia um progresso e pequenas etapas de aproximação. "Dona Anicide! É a Vivian!" – eu sempre comunicava que era a Vivian do teatro, por muito tempo ela respondia, "Quem? Ah! Do teatro, pera vô abriu!", e começou a chegar com brincadeiras: "Oi, veio me encher? E

---

<sup>9</sup> Relato de Anicide de Toledo cedido à autora em 2018.

dava risada “Como você tá fia? Tá tudo bão?” Percebia ela mais brincalhona, falante e espontânea, mas sempre do portão pra fora. “vai ter batuque, ocê vai? Vai lá!”[...] Cheguei para visitar a tia, já conseguia chegar um pouco mais tranquila, e dávamos boas risadas no portão de sua casa. Ela me perguntava da vida, da família, me abençoava, e sempre na saída dizia: “Volte mais, fia e vá com Deus!”, mas nesse dia aconteceu algo muito especial. Dona Anicide! Eu mal terminei a frase e ouvi: “Oi! Vive! Tudo bão? E percebi a sombra se aproximando para porta de vidro. Ela ouviu minha voz e logo lembrou meu nome. Senti algo especial como se eu naquele momento, fizesse de alguma forma parte da memória da tia. Ela me reconhecia, não era mais uma intrusa. Ela abriu a porta de vidro com uma chave na mão, veio em direção ao portãozinho de ferro, e estremei como da primeira vez – “Entre fia, pode entrar, tudo bão?” Ela abriu o portão, virou as costas e continuou entrando em seu corredor, onde costuma passar suas tardes sentadas, fumando seu cachimbo, eu demorei alguns segundos pra entender, ela repetiu “entre fia, pode entra, sente!”. E foi assim depois de quase meses batendo papo no portão, que adentrei na casa de nosso patrimônio imaterial, Da primeira mulher a cantar o canto Bantu do batuque aqui no Brasil e sentei pra nossa primeira prosa dentro de seu micro território, sua casa. Foi algo definitivamente muito importante pra mim, e disso eu me lembro absolutamente, guardado na memória e no coração. (Relato verbal da autora)<sup>10</sup>.

## A Grande Dama

O espetáculo A Grande Dama teve sua apresentação de estreia em 25 agosto de 2018, organizado pela Diadorim Cultura Popular<sup>11</sup>, dentro do projeto Territórios do Batuque de Umbigada de Capivari, na praça central de Capivari, tendo em seu elenco a Cia Ui de Teatro, Batuqueiros de Capivari e ao final do espetáculo foi realizado o Batuque junto à grande mestra e homenageada da noite Anicide de Toledo, que pode assistir jovens atores de sua cidade, representarem sua vida no teatro. Foi assistida por membros das comunidades batuqueiras de Tietê, Piracicaba. As cenas eram compostas pela trajetória da mestra, escolhidas por ela e se relacionavam com questões sociais contemporâneas, muitas vezes urgências dos próprios jovens atores. Alguns relatos a mestra enfatizava que gostariam que estivessem presente na peça. Principalmente os que tratavam sobre o racismo e descasos da prefeitura junto à cultura. Acreditamos que o espetáculo atravessou o público, pela relação de afeto e respeito que carrega em relação à mestra, mas principalmente, por reverberar a imagem e o olhar de resistência e luta de Anicide, através de sua história e suas relações sociais e políticas junto à sua terra. O espetáculo além de contar a vida do patrimônio dialoga com questões sobre a mulher e a sociedade, racismo e empoderamento das vozes marginalizadas. Clamada pelos jovens atores, que puderam através de uma rica experiência reverenciar e compreender o quanto as ações culturais devem se atentar as políticas de reconhecimento e redistribuição (FRASER, 2002), além da identidade, mas como quebra de um sistema que coloca as manifestações

<sup>10</sup> Relato da autora. 2018.

<sup>11</sup> Produtora Cultural que tem como prioridade o resgate de território e manifestações populares.

populares (principalmente à negra) em um patamar aquém do apropriado. O espetáculo já foi apresentado diversas vezes, algumas delas junto a alguns membros da comunidade batuqueira e os vínculos permanecem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou tecer reflexões sobre o quanto as modas de Anicide de Toledo – principalmente a que fala sobre sua relação com a cidade e o racismo, implicam em uma poderosa ferramenta epistemológica contra todo o preconceito impregnado dentro de seu território e como seu discurso decolonial de resistência e sua sabedoria ancestral se conecta com os acontecimentos sociais, políticos, do presente e traz relação com a construção de uma identidade cultural que sobrevive através da oralidade e memórias. Acreditamos que o processo contribuiu e ainda reverbera de forma potente para o aprofundamento do vínculo com o público analisado e sua cultura local, com a possibilidade da criação de método teatral a partir da oralidade dos mestres, dentro do âmbito da mediação artística e ação cultural. E como o teatro pode ser importante linguagem para difusão dessa cultura. Por se tratar de uma pesquisa específica para o município de Capivari fortalece questões importantes dentro de análises da história do Batuque local e de novos coletivos de resistências e suas relações sociais e políticas com o órgão público municipal, atendendo para às políticas de redistribuição e reconhecimento como modelo de status dialogando com o universo da comunidade batuqueira, Este estudo pretende ter continuidade, para que consigamos colocar cada vez mais essas vozes marginalizadas como agentes e produtores culturais de seu território. Mantendo o legado de Anicide em seu lugar protagonista como mestra maior e patrimônio cultural de Capivari. A forma como Anicide transmitia sua cultura, traz a afirmação da importância dessa figura matriarcal na luta de seu povo dentro de uma terra que traz tanta hostilidade para com ela e os seus e as políticas inapropriadas fornecidas por muitas vezes pelo órgão público. Assim, concluímos que, em sua trajetória Anicide construiu através de sua resistência cultural uma contribuição profunda de transformação de seu espaço, onde o povo que se encontra em margem, viabiliza a partir de sua cultura ancestral uma possibilidade de ser protagonista de sua própria voz.

## REFERÊNCIAS

**CAMPOLIM, D. O Batuque de Umbigada - Resistência Cultural em Capivari.** Monografia (Especialização em Gestão de Projetos Culturais) - Universidade de São Paulo, 2009.

**CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas.** São Paulo: Edusp, 2019.

**EVARISTO, Conceição, DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado. LOPES, Goya.** Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

**HALL, S. Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** 1º. ed. Minas Gerais. Editora UFMG, 2003.

**PACHECO, Tâmara. Desconstruindo estereótipos: narrativas da mulher negra no batuque de umbigada paulista.** 2017. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo.

**SODRÉ, M.** A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. 3º. ed. Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2005

**THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2002.

**TOLEDO, Anicide.** Batuque de Umbigada. Depoimentos concedido à Vivian Cristina Vieira Ui e Cia Ui de Teatro, Capivari, durante o período de julho de 2017 a agosto de 2018.